

Auspício

Lucas M. Carvalho

Devo a um encontro casual o descobrimento da carta de Inácio de Anchieta. Dentre os meus estudos filológicos, tive, por acaso, a felicidade de conversar com o doutor Felipe Menezes, especialista em língua árabe e ávido crítico de Averróis. Seus trabalhos mais recentes concentravam-se a num riquíssimo e inédito acervo armazenado numa câmara secundária do Real Gabinete Português de Leitura, categorizada apenas como “línguas exóticas” – reunindo, portanto, textos redigidos em idiomas semíticos, orientais ou eslavos – os quais jamais tinham sido lidos ou estudados desde muito antes da época do império. Disse-me que, após ter começado a catalogar e organizar o material de origem árabe (trabalho que levaria não menos que dois anos) encontrou uma carta redigida em língua portuguesa, da qual copiou um fac-símile legível e guardou em seus registros pessoais. A carta original foi remanejada ao setor mais adequado. Contudo, disse-me Felipe Menezes que, depois de um mês, ao tentar procurá-la novamente, não a encontrou; e não havia registro algum no catálogo.

Senti-me grato quando vi a cópia em fac-símile que provava sua existência. Com sua permissão, extraí uma imagem eletrônica e iniciei a transcrição do texto. É de autoria de Inácio de Anchieta, padre jesuíta que chegou à Bahia pouco depois de Manuel de Nóbrega, datada de 1551. A grafia, a assinatura e o selo, contudo, mostram que se trata de um traslado posterior, possivelmente feita por cardeais italianos, já que não era totalmente incomum as cartas oficiais serem enviadas primeiro ao Vaticano, e as cópias, então, finalmente redirecionadas aos destinatários locais.

Imagino que o Vaticano tenha posse da carta original, se ela ainda existir. Estará em algum arquivo proibido, em corredores poeirentos entre as muitas atrocidades silenciadas. Eu entendo o porquê. Felipe Menezes confessou-me, por e-mail, ter queimado a cópia em fac-símile. Penso em deletar esta transcrição e a imagem, mas não antes que alguém também a leia. Não quero que a falta evidências da carta me faça suspeitar loucura; é menos dolorosa quando partilhada a terceiros. Foi por isso que Felipe Menezes partilhou comigo. E é por isso que lhe ofereço a leitura, sem obrigá-lo. Segue a carta na íntegra:

“Utile quid nobis novit Deus omnibus horis. Sinto a necessidade de declarar a Vossa Reverendíssima os fatos tais quais se sucederam nos últimos dias – que, para mim, foram anos. A beleza da antes chamada Ilha de Vera Cruz exprime toda a grandeza da Criação, e isso não nego. Há, contudo, forças desconhecidas que superam o nosso entendimento de criatura. O nosso Senhor sabe, mas não eu. Omnia nuda et aperta aculis Dei.

Peço perdão perante Deus e a Igreja. Minhas costas sangram pelo flagelo que infligi a mim mesmo; sei não é um hábito de nossa Companhia, mas meu pecado é tal que não me satisfaria pagá-lo sem dor. Estou, como Petrônio ao compor o Satíricon,

escrevendo às portas da morte – só não consigo escolher entre o penhasco, a forca ou o fundo do rio. Sei que terei um lugar no inferno ao Vale dos Suicidas; e o aguardo ansioso, desde que lá me veja livre do auspício. Terminarei minha confissão e não tardarei a abandonar este corpo mortal.

O caso iniciou-se em fevereiro, a considerar 1551 *Ano Domini*. Nesta terra é verão, tempo quente e úmido – as chuvas multiplicavam a incidência das boas frutas e dos maus insetos. Conforme prosseguíamos a catequese dos índios, estalamos-nos quarenta milhas continente adentro. Os selvagens nos receberam amistosamente, apesar de nos estranhar sua nudez, invariável de tribo para tribo. Ensinamo-los a sã doutrina, celebramos missas periódicas e promovemos a salvação de suas almas. Fascinava-nos sua curiosidade e a facilidade com que as crianças aprendiam, conforme já relatado em cartas anteriores.

Ferociam sacietas parit. A cabana na qual vivi, no topo de uma encosta, beirava a floresta imensa. Tínhamos ali a água mais pura, direta das frondes do carnaúba, e frutas abundantes agradáveis ao paladar. O que nossos olhos viam, como já registrado nas cartas, maravilharam-nos de modo tal que era como se antes nada soubéssemos do mundo.

Numa manhã, ao preparar-me para as orações, ao descambar do sol sobre a crista dos montes, ouvi um auspício silvestre brotar do coração das matas e cortar o céu até mim. A estranha beleza me fez estremecer. Pensei nos animais tão coloridos que existiam no Novo Mundo, e na criatura que teria produzido aquele; não podia ser um pássaro de pequeno porte, mas eu duvidava da existência de um pássaro, como imaginei, do tamanho de um cavalo ou boi. *Ex digito gigas*. As árvores mais ao fundo pareciam maiores, é verdade; cheguei a sentir-me culpado por duvidar da extensão da criação. Durante os dias que se seguiram, observei pelas trilhas cada ave e seu canto: o anajê, no alto dos juazeiros; o oitibó, na cova dos troncos; o vermelho gará, empoleirado na rocha. Os selvagens, no idioma rústico, explicaram-me os nomes e as lendas. Nenhum deles, contudo, produzia o som imponente que ouvira eu naquela manhã. Perguntei-lhes sobre a selva mais profunda, e apontei para o horizonte, para a origem do som – a menção fez surgir um alvoroço do qual nenhuma informação consegui extrair.

Nas alvoradas que se seguiram, aguardei o canto do pássaro às raízes de uma árvore frondosa. A ansiedade faz com que o tempo conspire contra nossa vontade: os dias eram mais longos; as noites, intermináveis. Quando a manhã chegava, reprimia minha respiração para que pudesse ouvir com clareza quando viesse. Não vinha. O desapontamento logo se transformava em esperança e ansiedade para o próximo dia.

Disseram-me, meus companheiros, que eu me tornava mais agressivo e quieto. Achei injusto e exagerado, apesar de perceber a frequência de certas manias inconvenientes. Os selvagens então evitavam se aproximar de mim, e não ouviam minhas pregações sem que eu os obrigasse com uma vara. Surpreendi Joaquim de Lins escrevendo uma carta a Vossa Reverendíssima; tomado pela ira, agredi-o, mas arrependi-me logo em seguida. A carta acusava-me de “perder a civilidade” e “rebaixar-me à barbárie dos nativos”, e chegava a insinuar possessão demoníaca. Disseram-me, depois, que eu rasguei a carta e tentei matá-lo – mas eu de nada disso me recordo.

Busquei, como bom cristão, confessar minha postura e corrigi-la. Não enxergava o mal que eles enxergavam, mas dele me desculpava. *Ab auditione mala non timebit*. As semanas se seguiram e os dias já não eram mais longos, conforme me esquecia do auspício. Cheguei, por fim, à conclusão que tinha sonhado com ele: nenhuma ave gorjeia apenas uma vez.

Joaquim de Lins, por outro lado, não deixou que o assunto se enterrasse. Por haver escutado com cuidado minhas descrições do som, assim como as reclamações de como o dia era longo – e de como eu sentia sede com frequência (como se fossem vários dias e não um), manteve firme e inconveniente interesse. Escreveu e expôs um estudo sobre Santo Agostinho, extraído de suas Confissões, dizendo que o homem divide o tempo em passado, presente e futuro, mas só é capaz de percebê-lo enquanto decorre. O passado e o futuro são inacessíveis, sendo vislumbrados apenas pela memória e pela imaginação. Ignorei seus comentários, ignorei meu passado, ignorei o auspício, celebrei uma missa com os nativos.

Em junho, quatro meses após o primeiro incidente, o padre Joaquim de Lins afirmou ter ouvido, de sua cabana, o som da ave transcendental. Diferente de mim, contraiu ele uma febre que o deixou de cama. Concluímos que a havia imaginado; que tal fora sua obsessão por meu relato, que o mero canto de uma acauã caçando serpentes pareceu-lhe acima do comum. Notei então que o canto da acauã realmente assemelhava-se àquele que eu tinha ouvido, e que o medo de uma terra nova era vergonhoso para ministros ordenados pelo Criador. *Nihil sub sole novi* Arrependi-me novamente.

Em dois dias, Lins não melhorara. No terceiro dia, fugiu para as matas.

Reunimos os cinco membros da Companhia para buscá-lo na selva: os padres Alfredo da Cunha, Miguel Figueiredo, José de Almeida, Manuel Vieira e a mim, Inácio de Anchieta. Requisitamos o auxílio dos nativos, que bem conheciam o veneno das plantas e a direção do musgo; nos levaram até certo ponto, onde desertaram e voltaram à tribo. Senti medo, mas não podia admitir falta de fé. Quando adentramos na densa penumbra do bosque, o coaxar do cururu e esvoaçar dos insetos teciam um silêncio incômodo. Encontramos pegadas no lodaçal, que se estendiam às rochas, e como havia uma trilha fechada por falta de uso, suspeitamos que nos levaria a Joaquim de Lins. No meio da tarde chegamos a uma clareira.

Um rio sem nome cruzava nossa frente e descia em cachoeiras por plataformas circulares que se repetiam. A correnteza vinha do flanco de uma montanha que mal se via no horizonte. Descemos pelas pedras escorregadias, nível por nível, e Alfredo da Cunha notou tal uniformidade que não poderia ser feita pela natureza: era um templo, ruínas que imitavam alguma estrutura cósmica que nos escapava à percepção.

Então ouvimos, os cinco, o auspício, pouco antes do sol se por.

Na cavidade da rocha, num nível inferior, abrigamo-nos para passar a noite. Encontramos, para nossa surpresa, um túnel. As paredes estavam repletas de inscrições, restos de vasos de barro e pequenos ídolos de madeira, resquícios de um culto pagão. Os povos que conhecíamos, porém, eram ágrafos; portanto compreendemos que as ruínas seriam um santuário ancestral de gerações que há muito se varreram da Terra.

Não ousamos seguir o túnel até o final. Dormimos próximo à saída e à água. Quando nos sentimos descansados, ainda era noite. E ainda era noite. Por um tempo que não posso calcular, o dia não veio. Sem opção, da fogueira fizemos tochas, e caminhamos pelo corredor por muitas e muitas horas. Que a Providência permita que meus dedos tenham firmeza para segurar a pena, e que meu pranto não faça com que o ar me falte e a morte venha antes da hora. *Nunc bene navigavi, cum naufragium feci.*

Encontramos Joaquim de Lins.

Seu corpo nu rastejava no escuro, pegajoso, agarrado as pedras frias de limo. O sangue deixava um rastro pela gruta. Clamamos pela Misericórdia e nos ajoelhamos. Tufo de cabelo pelo chão e emaranhados em seus dedos mostravam que havia arrancado os fios: o couro cabelo sangrando; pouco restara desgrenhado. Em sua boca escarlate faltavam dentes, e a marca na pedra mostrava o método pelo qual foram extraídos. Seu olhar era como o de um animal, doentio; estremecendo, balbuciando sílabas ininteligíveis. Vimos unhas no chão, arrancadas com brutalidade dos dedos das mãos e dos pés, talvez quando ainda tinha dentes.

Aterrorizado por sua demência, mas comovido por compaixão, José de Almeida aproximou-se. Lins, ou o que restara dele, saltou como a mais mesquinha das bestas para matá-lo. Sem largar de mão a tocha, que fazia sombras macabras dançarem nas paredes e em minha mente, corri desenfreadamente para a saída da gruta. Pensei que jamais a veria, que o tempo brincaria comigo novamente, mas por *glori Dei* saí para a noite. No chão, pegadas de sangue mostravam para onde algum dos companheiros, agora ferido, fugira; segui-as. A noite tenebrosa, fechando-se sobre mim, uma escuridão que sufocava a própria chama; a natureza que era um túmulo. Eu corria. Ouvi, novamente, o auspício. A trilha era traiçoeira: via árvores, pedras e sombras que se repetiam. Cheguei, com pavor, novamente às ruínas. As pegadas eram outras. Segui-as outra vez.

Num barranco, mais abaixo, a grotesca visão de Miguel Figueiredo – agora cego de um olho por um corte que se alongara até o meio da cabeça – estrangulava Alfredo da Cunha, suas roupas sacerdotais manchadas de sangue e fluídos que cuspiam pela boca e nariz. Apertou-o de tal modo que ouvi seu pescoço fraturar mais de uma vez. Voltei-me ao ventre escuro da mata e corri.

No braço direito senti ardência. Interrompi a carreira e vi, pela luz do fogo, vermes e o larvas comerem-me a carne – tentei arrancá-los com a mão esquerda, depois com os dentes, e por fim com o fogo; mas eles subiam em direção ao ombro. Queria, em desespero, amputar o membro, mas não tinha uma lâmina; lancei-me contra uma pedra, e uma árvore; rolei barranco abaixo. Aos tropeços, cheguei novamente às ruínas. Ouvi o auspício.

Deparei-me com Lins: o corpo brutalizado, mutilado, uma irreconhecível massa de carne deformada, enfiando um galho garganta abaixo até finalmente morrer. Mais à frente Manuel Vieira devorava o corpo de Figueiredo, abrindo a barriga e as vísceras com as mãos nuas – tripas úmidas, quentes, escorregadias, deglutidas com violência; engasgando-se quase à morte.

Rejeitei a vida, tomei uma pedra a forcei-a contra a testa. O sangue escorreu sobre os olhos até a boca e o peito. Foi quando o vi... o vi... Tenha misericórdia! Furem meus olhos, pois meu corpo não mais me obedece! Não posso entendê-lo, não posso descrevê-lo... O que os olhos não devem ver destrói a mente do curioso! Penso, mas as palavras não fazem jus ao seu aspecto, que seu corpo era como o de uma criança, e sua fisionomia carregava o mal de todo o mundo e do abismo. Os pés virados para trás, para confundir-nos com suas pegadas pelas trilhas das matas. Lembro-me de vê-lo levar os longos dedos à boca de dentes verdes e gerar o som que tanto me atormentara, que não era só um auspício de pássaro, mas um assobio...

Naquele instante, fui ao inferno milhares de vezes. Ao ver, em meio à loucura, o contorno das ruínas e do rio que por ali corria, intui ser essa a única saída do labirinto silvestre. Lancei-me às águas, fui carregado pelas noites sem fim e pelas cachoeiras até o litoral. Na praia fui resgatado por nativos.

Recusei voltar aos colonos. Peço aos selvagens que levem esta carta a qualquer homem branco que encontrarem. *Nihil sine Deo*. A verdade, que pouco conheço, não ousou perscrutar. Profanei a Terra e a Natureza deste lugar. O mundo é maior que o homem. *Uti, non abuti*. Encerro minha confissão e espero, na eternidade, o perdão. Ele logo virá. Não o perdão, mas o auspício. Ele sempre vem. Posso senti-lo vibrar pelo coração da Terra farejando meu nome. Não há escapatória, nem pelo ar nem pelas profundezas. Não suportarei vê-lo de novo, pois já o tenho visto em meus pesadelos despertos. Posso senti-lo rasgar as matas, espalhar-se pelas folhagens, deslizar pela casca dos troncos, furioso, veloz, originado do abismo abaixo do abismo, buscando meus ouvidos e minha alma. O penhasco! O penhasco! ”